

A GESTÃO SOB A PERSPECTIVA DA RACIONALIDADE SUBSTANTIVA: AÇÃO, COMPORTAMENTO E CIÊNCIAS SOCIAIS

Ariane Rodrigues Pereira (CPGA/UFSC)¹
Marcos Baptista Lopez Dalmau (CPGA/UFSC)²

Resumo

Este ensaio teórico tem por objetivo apresentar uma breve reflexão dos temas gestão, ciências sociais, *management* e racionalidade substantiva através de uma perspectiva crítica. É cada vez mais evidente uma economia e sociedade em rede na qual o conhecimento e a informação tornaram-se capital principal. Porém, a busca deste conhecimento e sua significação precisam transcender as questões individuais e buscar os princípios éticos que motivam, disciplinam e orientam a ação humana. Para que assim possamos cooperar para a existência de uma sociedade mais harmoniosa que busca a satisfação do bem comum e a emancipação do ser humano. A fim de atender esta orientação surgem alguns questionamentos: o conceito de administração pode avançar para contemplar novos paradigmas? Afinal, o que é gestão? Para tentar responder a estas questões e suportar o desenvolvimento deste ensaio serão apresentadas contribuições da obra *A Nova Ciência das Organizações* de Guerreiro Ramos, *Ciências sociais e Management* de Jean-François Chanlat, *A administração entre a tradição e a renovação* de Omar Aktouf e *Gestão como Doença Social* de Vincent de Gaulejac. É salientado que para um relacionamento organizacional salutar é necessário entender que as pessoas não são meras peças desprovidas de pensamento racional e reflexão crítica. Precisam ser consideradas, de forma a se proporcionar o espaço que hoje não existe na sociedade atual, para a autorealização do indivíduo. Neste tocante, uma gestão com enfoque substantivo pode impulsionar esse relacionamento e contribuir para uma economia não-violenta, mais solidária. Busca-se uma atuação da administração que favoreça a atuação do sujeito de direito, uma administração que ainda que busque lucro como finalidade econômica, busque também se preocupar com aspectos sociais que envolvem o direito e a proteção dos indivíduos. Vale lembrar que é com o trabalho conjunto que se atinge o desenvolvimento de uma sociedade e economia.

Palavras-chave: gestão, ação, comportamento, racionalidade substantiva.

1 INTRODUÇÃO

Este ensaio teórico tem por objetivo apresentar uma breve reflexão dos temas gestão, ciências sociais, *management* e racionalidade substantiva através de uma perspectiva crítica. Tal interesse deve-se ao fato que hoje se vive numa sociedade caracterizada por uma cultura mundial, com forte influencia ocidental, interativa e globalizada, que demonstra em seus alicerces uma sobrepujança do capital e do econômico sobre o trabalho.

¹ arianerp@gmail.com

² dalmau@cse.ufsc.br

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

Nesta era de competitividade, é cada vez mais evidente uma economia e sociedade em rede na qual o conhecimento e a informação tornaram-se capital principal. Porém, a busca deste conhecimento e sua significação precisam transcender as questões individuais e buscar os princípios éticos que motivam, disciplinam e orientam a ação humana. Principalmente, a fim de minimizar as violências ocasionadas pela significação equivocada do conceito gestão.

Em virtude da dispersão da racionalidade instrumental que se espalha pelas teias da economia neoliberal, a contemplação do social pode despertar uma sinergia que trará benefícios tanto para organizações quanto para indivíduos. E é neste tocante, que a busca pelo avanço da racionalidade substantiva pode contribuir para a existência de uma sociedade mais harmoniosa que busca a satisfação do bem comum e a emancipação do ser humano.

A intenção não é negar o sistema econômico atual, no qual o capital exerce papel preponderante nas relações. Mas, sim apontar alternativas que podem ser postas em práticas e propiciar dessa maneira uma atualização da gestão nas organizações, com o uso da racionalidade substantiva.

Para suportar os argumentos que oportunamente serão apresentados este ensaio recupera as contribuições da obra *A Nova Ciência das Organizações* de Guerreiro Ramos, *Ciências sociais e Management* de Jean-François Chanlat, *A administração entre a tradição e a renovação* de Omar Aktouf e *Gestão como Doença Social* de Vincent de Gaulejac.

2 REVISÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica aponta os temas gestão; ação e comportamento; ciências sociais e management e racionalidade substantiva na gestão, tratados pelos autores Ramos (1989), Chanlat (2000), Aktouf (1999) e Gaulejac (2007).

2.1 Gestão

Existem vários conceitos na Administração que, ao longo de décadas, são apenas reescritos por diversos autores, sem que haja alterações ou pensamentos diferenciados. Por outro lado, existem aqueles que adicionam novas idéias e explicam de outras maneiras vários pontos deste tema, reformulando ou até mesmo revolucionando aspectos antes tidos como verdade absoluta.

A partir disto, Chanlat (2000) expõe que a prática administrativa deve ser sempre revista, pois são os administradores das organizações que direcionam através de suas decisões o cotidiano e o futuro da sociedade. Neste sentido, o autor evidencia que há alguns falsos administradores atuando com pensamentos puramente focados no lucro em curto prazo, menosprezando assim as questões mais globais, mais fundamentais, mais ecológicas, mais sociais e mais humanas.

Mas, o que é gestão? Aktouf (1996, p. 31) afirma que é, na maioria das vezes, “um conjunto de práticas e de atividades fundamentadas sobre certo número de princípios que visam a uma finalidade: o alcance da eficácia, freqüentemente econômica”. Para o autor, o conceito de gestão difere do conceito de *management*, uma vez que este envolve também as pessoas responsáveis pelas funções nas empresas. É importante salientar que estas idéias sobre *management* surgiram com força a partir da década de 1970, na qual as exigências dos setores em expansão (serviços e indústrias) resultaram nos crescimentos horizontais e verticais das

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

organizações, sendo que para isto o fundamento nas ciências do *management* foi imprescindível.

Aprofundando nestas questões, Chanlat (2000) comenta que a grande importância da Administração e dos gestores é fazer com que as organizações obtenham lucro de maneira honesta, caminhando assim na direção do real progresso para todos (não destruição do meio-ambiente e fatores sociais). Caso contrário, o autor defende que se a gestão for baseada apenas em raciocínios de custo-benefício, o progresso econômico revelará na verdade mais desemprego, diminuição das riquezas, estagnação do poder de compra, recuo da promoção social e da qualidade de vida da população.

Caso a gestão paute-se apenas nos aspectos *hard* convém ponderar os sintomas que Gaulejac (2007, p. 285-286) aponta em seu diagnóstico da gestão como doença, estes seriam:

“perda de sentido, perversão dos valores, comunicação paradoxal, explosão dos coletivos, vontade de poder desmedida, transformação do humano em recurso, pressão sobre os indivíduos em uma competição sem limites, assédio generalizado, exclusão para uns, estresse para outros, perda de confiança no político”

Estudiosos e críticos podem divergir quanto às características apontadas acima, uns podem achar que esse quadro está maculado, outros podem defender que o diagnóstico está aquém da real situação. Conforme dispõe Gaulejac (2007) ainda há aqueles que podem defender a ruptura com o sistema capitalista e os que defendem a intervenção da gestão na busca de um equilíbrio nos relacionamentos de clientes, acionistas e empregados.

Neste sentido, Aktouf (1996) explica perfeitamente como o *management* deve funcionar em uma empresa, que além de indicadores financeiros e econômicos da eficácia, deve considerar também as exigências sociais (taxa de rotatividade, satisfação, saúde, segurança). Segundo o autor, estas exigências são contrabalançadas por exigências externas (sociais, jurídicas, ambientais, fiscais, sindicais), as quais forçam a organização a considerá-las em sua gestão.

Em verdade, a busca de uma racionalidade substantiva na gestão pode envolver orientações simples que implicam num modo de pensar distinto da racionalidade instrumental e que envolve questões como:

“visar as organizações como microssociedades, cujo funcionamento remeta tanto à gestão como à antropologia; considerar o homem como um sujeito, mais que um recurso; analisar a empresa como uma instituição social e não um organismo com finalidade estritamente econômica, reconsiderar a importância do dom para o fundamento daquilo que ‘faz sociedade’, construir uma economia mais solidária e preocupada com o laço social” Gaulejac (2007, p. 286).

Concordando com Aktouf, Chanlat (2000) afirma que é crucial que o administrador entenda que os instrumentos de gestão, as técnicas econômicas e contábeis, as tecnologias sofisticadas de nada valem sem a existência de um clima social e humano propício à adesão, à colaboração e ao desempenho. Com isto, a prática administrativa será diferenciada e facilitará o atingimento dos objetivos organizacionais, evidenciando a participação das pessoas em um ambiente com qualidade de vida e de trabalho.

Decididamente, para se ter um relacionamento salutar para a organização e para o indivíduo, é necessário entender que as pessoas não são meras peças desprovidas de pensamento racional e reflexão crítica. Portanto, precisam ser consideradas, de forma a se proporcionar o espaço que hoje não existe na sociedade atual, para a autorealização do indivíduo. Neste tocante, uma gestão com enfoque substantivo pode impulsionar esse relacionamento e contribuir para uma economia mais solidária.

2.2 Ação, comportamento e administração

Ao se examinar a ação, o comportamento e a administração, tem-se em mente a contribuição que a administração no campo das ciências sociais tem trazido para as organizações em seu ambiente básico. Tais apoios são oriundos de pesquisas e estudos de diversos pensadores, que por consequência dos seus trabalhos melhoraram a compreensão dos fenômenos organizacionais. Neste cenário, os trabalhos produzidos pelo brasileiro Guerreiro Ramos auxiliaram a elucidar a compreensão da complexidade da análise e desenho dos sistemas sociais, sendo que o fundamento dessas falhas encontra-se no aspecto psicológico e sociológico dos indivíduos envolvidos na organização, e, conseqüentemente de seu comportamento.

A esse respeito, depreendem-se os ensinamentos de Ramos (1989) de que as organizações são sistemas cognitivos e, portanto, os membros desta organização assimilam tais sistemas e inconscientemente adquirem a característica de pensadores inconscientes, no entanto tal aspecto pode ser alterado desde que devidamente articulado com base em fundamentos, passando a ser consciente e sistemático. Outro atributo enfatizado (1989, p. 51) é o relativo ao comportamento, “continua sendo uma categoria de reconhecimento da conformidade, fato geralmente negligenciado, porque a conformidade a critérios de gregarismo socialmente estabelecidos foi transformada em padrões de moralidade”.

Porquanto, homens e mulheres já não agem com um senso baseado no comportamento de sua comunidade, mas sim respondem a estímulos das sociedades industriais às quais pertencem. Em outras palavras, o homem é um ser que se comporta. Não obstante, para Ramos em função destas sociedades industriais houve uma ofuscação que implicou na cegueira acerca do senso pessoal de critérios adequados de modo geral à conduta humana.

Em consonância com o exposto por Ramos (1989) Gaulejac (2007, p. 289) cita que “a perspectiva utilitarista e o primado da racionalidade instrumental levam a negar uma dimensão particularmente essencial do humano. Os seres humanos não são coisas”. O autor aduz que no alicerce de ser humano há uma aspiração de se construir como ser singular, conectado a outros em um anseio de realização. Em suma, esse paradigma central deveria basear o conhecimento e a concepção da ação humana e ser então o norteador na gestão das organizações.

Contudo, é apontado por Ramos (1989) uma influência sobretudo econômica na vida humana e a transforma em “associada, ordenada e sancionada pelos processos autorreguladores do mercado”. Esta experiência produziu raízes visto que o aspecto utilitário do mercado, adquiriu forças históricas e sociais, que se mostra como conveniente para o uso e exploração dos processos da natureza e para a maximização da inventiva e das capacidades humanas de produção. Enfim, Ramos (1989) aponta como consequência a fluidez da individualidade, o perspectivismo, o formalismo e o operacionalismo, bem como as conexões provenientes destes.

A primeira característica apresentada pelo autor é referente ao termo fluidez da individualidade, que se deve ao fato da constante transformação pela qual passa o comportamento humano, isto porque o indivíduo ao interagir com a sociedade passa por uma mudança de valores, crenças, em função da debilidade do ser humano. O autor assim diz:

“Nas sociedades modernas, a representação é um processo puramente sociomórfico; já não é mais uma legitimação da verdade da existência comunal sobre fundamentos meta-históricos. É antes, uma exigência para a pacificação negociada entre os indivíduos, para habilitá-los a acomodar seus interesses pessoais. A sociedade moderna

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

não se reconhece como miniatura de um cosmos maior, mas como um contrato amplo entre seres humanos. Assim, a conduta humana se conforma a critérios utilitários que, a seu turno, estimulam a fluidez da individualidade. Na verdade, o homem moderno é uma fluida criatura calculista, que se comporta, essencialmente, de acordo com regras objetivas de conveniência” Ramos (1989, p. 54).

Sendo assim, entende-se que para Ramos o homem é impelido a passar por processos e mudanças que constituem uma conseqüência de um movimento auto-induzido e indefinido do agregado-social. Tal transitoriedade que implica na fluidez do indivíduo pode ser causada conforme Ramos (1989, p. 56) pela definição de natureza dada pela ciência moderna, que seria a de que as “partículas de matéria em movimento, e representa os valores como adventícios, em relação à natureza”. No entanto, ainda, conforme Ramos é possível ver a questão sobre outro enfoque, a transitoriedade das coisas, permanente e sem propósito, é uma conseqüência da interiorização acrítica, pelo indivíduo, da auto-representação da sociedade moderna, a qual imputa uma alienação ao indivíduo que ao tentar superá-la, ou anula-se através da conformidade a papéis que prevalecem alternadamente, ou recolhe-se dentro de si mesmo afirmando uma identidade excessivamente consciente de si. Porém, ao entender que o centro ordenador de sua vida não está em parte alguma, a identidade do indivíduo será a sua própria criação.

Ainda com foco na síndrome comportamentalista, Ramos cita o perspectivismo, que é decorrente da visão fluídica, já que ao ver-se a sociedade como um sistema de regras contratadas, o indivíduo é levado a entender que tanto a sua conduta quanto a conduta dos outros é atingida por uma perspectiva, que por sua vez é um ingrediente da conduta humana, em qualquer sociedade, mas consciente apenas na sociedade moderna. Nessa conjuntura para Ramos (p. 57) “o homem só tem que levar em conta as conveniências exteriores, os pontos de vista alheios e os propósitos em jogo” a fim de se comportar bem. A decorrência do perspectivismo é visualizada inicialmente nas obras de Hobbes e Maquiavel, pensadores modernos que captaram os padrões motivadores imanentes a uma sociedade centrada no mercado.

O terceiro aspecto dos fundamentos psicológicos é o formalismo, pode ser entendido como um traço normal da vida cotidiana nas sociedades que são centradas no mercado, nas quais a observância das regras substitui a preocupação pelos padrões éticos substanciais. O indivíduo ao se ver exposto num mundo de relativismo moral, sendo egocêntrico, sentir-se-á alienado da realidade, e para superação disso, entrega-se a tipos formalistas de comportamento, ou seja, deliberadamente busca atender aos imperativos externos segundo os quais é produzida a vida social, ou seja, torna-se um maneirista, interessado em valores de troca, portanto, sua recompensa está no que é adequado, correto e justo. Neste caso a individualidade não é consistente, é caracterizado pela fluidez pronta a desempenhar papéis convenientes.

O último traço é o operacionalismo, que produz diversos questionamentos acerca de seu conceito, quanto à validação e verificação do conhecimento, atualmente, busca-se responder a como avaliar o caráter cognitivo de uma afirmação. Há duas respostas básicas, sendo que uma delas admite a existência de diversos tipos de conhecimentos, com cada um dos quais requerendo normas específicas de verificação. Entretanto, aqui entra a discussão, pois para alguns só é possível validar aquilo que pode ser verificado através de ciências naturais de ordens matemáticas.

Pode-se dizer que a raiz do operacionalismo pretende lidar com problemas práticos do mundo, entretanto, o operacionalismo positivista recusa reconhecer qualquer explicação do mundo físico e social às causas finais, conforme Ramos (1989, p. 65) basta entender que “as coisas são resultados de causas eficientes, sendo, portanto, o mundo inteiro um encadeamento mecânico de antecedentes e conseqüentes”. Esse contexto é presente na doutrina de Galileu,

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

Newton, Laplace, e de todos os demais que entendem a ciência social como uma extensão da ciência física clássica.

Ora, então, a lógica do comportamento humano tem se pautado na esfera da lógica financeira, que permeia as empresas. No entanto, esta “deve ser analisada como um fenômeno social total e, portanto, como um conjunto de processos em permanente construção” Gaulejac (2007, p. 288). Neste caso, não se busca isolar a necessidade do lucro, mas, sim convergir os diversos aspectos que compõem a organização, já que esta envolve “mecanismos econômicos, mas, igualmente, políticos, ideológicos e afetivos” (2007, p. 288). Como fato social a empresa deve ser vista em sua multiplicidade de determinantes, de acordo com Morin (1990) apud Gaulejac (2007, p. 288) “o fato social é sempre o produto de outros fatos e contribui para produzir fatos novos, assim como para transformar os elementos que o produziram”.

Após o exposto, verifica-se que as considerações de Ramos limitam-se acerca dos traços básicos da síndrome do comportamento, e pode-se entender que tais fatores influenciam sim a vida das pessoas. Entretanto, eles não possuem livre passagem e visibilidade nas organizações, ainda que estejam presentes continuamente na vida de muitas pessoas e logo, estão presentes em instituições, empresas, nas mais diversas organizações que compõem a sociedade.

A fim de enfrentar os desafios cotidianamente imputados pela sociedade, grande parte de seus membros interioriza a síndrome comportamentalista e seus padrões cognitivos. Contudo, essa interiorização desses conceitos, ocorre inconscientemente, e silenciosamente transforma-se numa segunda natureza. A disciplina administrativa ao partir do pressuposto que os seres humanos são fluidos individualmente, e vistos pelos propósitos do perspectivismo, do formalismo e do operacionalismo, entende que não pode ajudar o indivíduo a superar essa situação.

Cabe aqui uma ressalva, a disciplina administrativa pautada na racionalidade instrumental pode não ser capaz de superar tal cenário, contudo com o enfoque da racionalidade substantiva é possível buscar um novo sentido. Em comentário a essa questão, Gaulejac (2007, p. 290) diz que “cada um pode e deve contribuir para a produção do sentido da ação coletiva”. Nota-se a ênfase na ação e não no comportamento.

Não obstante, para Gaulejac (2007, p. 290, grifo nosso) “nos processos de produção de bens, de serviços, assim como na produção do conhecimento, é preciso favorecer aquilo que concorre para o **desenvolvimento** das capacidades reflexivas individuais e coletivas”. Busca-se então que as pessoas sejam reconhecidas como um sujeito de direito, e passem de um estado de indivíduo-recurso para indivíduo-sujeito.

Busca-se dessa forma uma atuação da administração que favoreça a atuação do sujeito de direito, uma administração que busque lucro como finalidade econômica, mas também se preocupe com aspectos sociais que envolvem o direito e a proteção dos indivíduos. Vale lembrar que é com o trabalho conjunto que se atinge o desenvolvimento de uma sociedade e economia.

2.3 Ciências Sociais e Management e Racionalidade Substantiva na gestão

Ao se tomar como exemplo a reengenharia, que conforme Chanlat (2000, p. 63) “foi sinônimo de demissões em massa e de péssimos resultados financeiros e operacionais”, mais uma vez nota-se que a gestão tem se realizado muito sob o pensamento mecânico, geralmente oriundo de engenheiros, economistas e financistas. Sendo assim, observa-se que o aspecto humano sob o enfoque da gestão tem sido muitas vezes negligenciado.

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

Para Ramos (1989) o que enfraquece a validade teórica da moderna ciência social é a falta de compreensão sistemática da natureza específica de sua missão. Atualmente, há um decréscimo no rendimento do bem-estar humano, e a crítica do autor aborda que a ciência social deveria ser reconhecida por ser um credo, e não por ser verdadeiramente ciência.

De acordo com Chanlat (2002) é necessário discutir a abordagem das ciências humanas e propor uma unicidade do saber, assim, a antropologia das organizações que seria uma antropologia adisciplinar participaria de forma a exigir a retomada reflexiva das experiências humanas e de suas resultantes multidimensionalidade.

No dizer de Chanlat (2002, p. 65) “por complementaridade entendemos, que todo fenômeno estudado tem sempre várias explicações. Segundo os aspectos que se estudam, psicológico, sociológico, econômico, administrativo, etc”. Sendo, portanto, valorizada uma série de elementos particulares. Tal antropologia geral pretende encorajar, a queda de fronteiras e a hibridação, isto porque conforme explanação de Chanlat (2002, p. 65), “os híbridos são, então, criadores que vêm de forma diferente e inovam na periferia, nunca no centro, este último estando sempre ocupado pelos guardiões da ortodoxia”. Tal experiência tem estado cada vez mais presente na disciplina do *management*, por ser naturalmente aberta a todos os campos do conhecimento.

Evidentemente a gestão tem privilegiado aspectos tangíveis e passíveis de controle, além de características que não privilegiem os aspectos da condição humana nas organizações. Tal comportamento ocorre em função do medo, conforme cita Enrique (1997) apud Chanlat (2002, p. 67) “medo do disforme, medo das pulsões, medo do desconhecido, medo dos outros, medo da palavra livre e medo do pensamento”. Não obstante, para Chanlat (2002) o mundo do *management* é refratário a tudo que é sentimento, além de oferecer pouca abertura à palavra espontânea e às idéias inovadoras que solucionam problemas. O que é bem visto é o costume que se transforma em necessidade e o conformismo.

Outros fatores que devem ser examinados pelas empresas quanto à gestão, é o retorno do ator e do sujeito, bem como o da afetividade, que conforme Chanlat (2000, p. 68) já está se verificando tal abordagem nas ciências sociais contemporânea, porém não se verifica ainda no mundo da gestão. Para o autor, “toda pessoa é um ator e a realidade das organizações se produz, se reproduz e se transforma por meio da interação dos diferentes grupos e indivíduos que as compõem, compreendendo também aqueles e aquelas que estão no nível inferior da hierarquia”. Não se pode negar a influência do sujeito ao lado da imaginação, da criação, da crítica e da reflexão sobre si mesmo. Logo, ele participa da transformação do mundo e também é criador da história. Outro argumento que deve ser verificado é o que demonstra que não existe individualização sem socialização e que a ligação social é antes de tudo uma ligação afetiva, Todorov (1995) apud Chanlat (2000, p. 69).

A dimensão afetiva também deve ser encarada como ponto principal no desenvolvimento de todo ser humano, como também na formação de um grupo. Não é possível conforme citado por Chanlat (2002) separar a razão e as paixões, apenas se visto sob a ótica cartesiana, o que vai contra diversos novos estudos de neurobiologia e de ciências sociais. O indivíduo constrói a si mesmo perante as relações afetivas, e, isto determinará em grande parte as relações que teremos com os outros. Fato que geralmente é negligenciado pelo mundo da gestão, mas que é importante é a existência da afetividade, pois ela determinará a qualidade de vida de um grupo.

É também ressaltada, por Chanlat (2002), a importância da experiência vivida, que mobiliza todos os aspectos do ser, ou seja, ela encontra-se no cerne da condição humana, engloba, portanto o conhecimento que se tem de uma atividade e o modo como a pessoa a vê. Para Chanlat (2000, p. 71) “Nenhuma descrição de tarefas, nenhuma instrução de serviço e nenhuma exigência formal não será jamais capaz de englobar totalmente a realidade de um



II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

trabalho ou de uma atividade na prática cotidiana”. Isto porque as empresas ignoram o aspecto humano na composição de tais orientações, no entanto para que haja um bom funcionamento de uma organização é indispensável que se considere a experiência prática, pois “as pessoas que trabalham reduzem a distância entre o prescrito e o real, o concebido e o vivenciado e desta forma permitem à organização funcionar”. Além do mais, ao se considerar as experiências vividas beneficia-se também a saúde física e mental dos envolvidos no trabalho. Para este processo é importante observar a vivência e a opinião dos principais atores, pois isto revelará particularidades importantes na compreensão dos meios estudados.

Outro fator exposto pelo autor, é o tocante ao retorno do simbólico, para Chanlat (2000) o mundo da empresa é também permeado pelos signos onde há confronto entre as linguagens disponíveis, basicamente, um contexto onde se permite significações múltiplas que dão um sentido às diversas ações. Diariamente, é possível evidenciar uma irrupção do simbólico na vida organizacional e dos efeitos que estes podem produzir, muitas vezes negativos, por no momento da decisão não se considerar a dimensão que estes poderiam provocar.

Não obstante, ainda em se tratando do ambiente do *management* o autor ainda enfatiza a importância da história, seja ela referente ao indivíduo ou a sociedade. Chanlat (2002) aborda a oposição passado-presente sempre socialmente construída e os ritmos que marcam as sociedades e os diferentes tempos sociais e pessoais. Isto é relevante perante as ações organizacionais, visto que a transformação do mundo acontece a partir de estruturas existentes que incorporam a experiência do passado. Por fim, uma das maiores razões da importância desta é o fato dela ser constitutiva da identidade dos indivíduos e das sociedades.

Por fim, o autor aborda ainda a questão ética, sua definição conforme Russ (1994) apud Chanlat (2000, p. 75) “a ética é, segundo a acepção filosófica, a disciplina que busca interrogar as regras de conduta constitutivas da moral”. Sendo assim, está presente em todas as ações. E, a reflexão ética afeta, portanto, o que é essencial. Pode ser vista como centro da relação e a torna efetiva, certamente conforme (Pharo, 1991) apud Chanlat (2000, p. 75) “está, na base do que se chama a sabedoria de vida e a civilidade”. Entretanto, para Cottureau (1996) Chanlat (2000, p. 76) “a gestão e a ética são antinômicas. A ética pertencendo ao domínio dos fins e tendo os homens como fins em si, e a gestão, pertencendo ao domínio dos meios e considerando os humanos como recursos”. Simon (1960) Chanlat (2000, p. 76) também corrobora dizendo que “não há lugar para afirmações éticas em uma disciplina como a administração”. Tais posicionamentos geram diversos debates e explica o porquê da gestão interessar-se pelo tema. Concernente às ciências sociais, há dois questionamentos propostos pelo autor, o primeiro refere-se à noção de responsabilidade e o segundo à noção de comunicação.

A primeira questão proposta envolve a ética da responsabilidade que foi desenvolvida por Max Weber. Ela remete à conseqüência que nossa ação pode ter sobre os outros e a reflexão que a precede, o que acarreta em duas decorrências, a primeira diz respeito à responsabilidade social e a segunda envolver a responsabilidade em relação à natureza. Sendo que estes dois desafios só poderão ser superados se vistos com plena consciência e engajamento. Habermas (1972:1987) apud Chanlat (2000, p. 77) sugere que “é preciso dedicar à comunicação todo o espaço que ela merece. É de fato pela troca e discussão (...) que nós poderemos editar normas que serão aceitas por todos sem constrangimentos”.

Sendo assim, para Chanlat (2002) ao se apoiar em uma dinâmica renovada internamente, haverá uma relevante contribuição que protegerá o equilíbrio social indispensável à paz civil e ao equilíbrio ecológico. Neste cenário, a antropologia ampliada e singular defendida com ênfase no mundo do *management* é um avanço para a responsabilidade multidisciplinar da gestão.

Para Ramos (1989, p. 125) “Ao contrário das organizações substantivas, as organizações formais são fundadas em cálculo e, como tal, constituem sistemas projetados, criados



II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

deliberadamente para a maximização de recursos”. Observa-se que diversas organizações formais com variados objetivos têm existido em todas as sociedades, contudo transformaram-se em objeto de estudo sistemático apenas em estágio recente da história. Um fato importante de ser ressaltado é que antes da sociedade de mercado, nunca houve uma sociedade em que o critério econômico fosse o padrão da existência humana.

Para conceitualizar uma abordagem substantiva da organização, Ramos entende que é necessário haver delimitação organizacional. “A expressão pressupõe, não apenas que há múltiplos tipos de organização, mas também, e mais importante ainda que cada um deles pertença a enclaves distintos, no contexto da tessitura geral da sociedade” Ramos (1989, p. 134). Para tanto, faz-se necessário um enfoque substantivo da organização, o qual se caracteriza pelas considerações a seguir:

1. Os limites da organização precisam concordar com seus objetivos.
2. O comportamento administrativo é incompatível com o inteiro desenvolvimento das potencialidades humanas.
3. O comportamento administrativo perde importância quando se caminha no sentido de sistemas sociais mais adequados a satisfação humana.
4. Abordagem substantiva: exclusão e redução de descontentamentos e aumento da satisfação das pessoas membros das organizações econômicas.
5. Formulação de locais adequados para o exercício da atividade humana.

Conforme é indicado por estas considerações, para Ramos (1989) um enfoque substantivo da organização resiste a tornar-se uma ferramenta de política cognitiva. Uma vez que a atual teoria organizacional não considera, sistematicamente, a distinção entre a racionalidade substantiva e a instrumental. Além disso, carece de clara interpretação do papel desempenhado pela interação simbólica nas relações interpessoais; não obstante, apóia-se numa visão mecanomórfica da atividade produtiva do homem.

Como proposta para superar este obstáculo, Ramos (1989) propõe algumas diretrizes:

- a) Há diferentes tipos de necessidades que requerem múltiplos tipos de cenários sociais. Assim, devem-se estabelecer condições operacionais próprias a cada um deles visando à satisfação humana.
- b) O sistema de mercado atende apenas limitadas necessidades humanas. Espera-se um desempenho em conformidade a regras. Dessa forma, o comportamento administrativo condiciona a conduta humana a imperativos econômicos.
- c) Diferentes categorias de tempo e espaço vital obedecem a diferentes cenários organizacionais.
- d) Diferentes sistemas cognitivos pertencem a diferentes cenários organizacionais. Epistemologia multidimensional do planejamento de cenários organizacionais.
- e) Diferentes cenários sociais requerem enclaves distintos no contexto geral da tessitura da sociedade, porém com vínculos que os tornam inter relacionados. Estes constituem o cerne de uma abordagem substantiva do planejamento de sistemas sociais.

Para Ramos (1989, p. 138) “não há sentido em se descartar o estudo científico de natureza econômica. A sociedade como um todo, não pode subsistir sem eles”. Dessa forma, o planejamento e operação desses cenários compõem uma questão técnica peculiar.

A organização exerce papel influenciador, e até mesmo de dominação sobre as pessoas. Há uma disseminação intencional dos valores e desejos da organização, e, a propagação de um modelo que deve ser seguido. Não obstante, há uma confusão organizacional quanto ao significado substantivo e formal da organização. Além disso, há uma falta de entendimento da interação dos relacionamentos que permeiam a vida organizacional e uma visão errônea do ser humano como “máquina”.

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

Tem se ainda a contribuição de Gaulejac (2007) que distingue a ‘ciência gerencial’ como modelada entre duas tendências:

“Uma põe à frente a preocupação operatória de desenvolver instrumentos e técnicas a serviço da eficácia e dos desempenhos da empresa. A outra põe à frente a preocupação científica de desenvolver teorias e métodos a serviços de uma compreensão global da empresa, abordagem global e, portanto, pluridisciplinar, que deve apoiar-se sobre a economia e sobre o conjunto das ciências sociais” (2007, p. 286-287).

Logo, para o autor a economia não pode ser dissociada da sociedade, contudo, esta deveria desenvolver-se tendo em vista três princípios: pela ecologia e desenvolvimento durável, pela espécie humana e sociedade e por fim, pela vida psíquica. Assim, esses três princípios buscam a empresa como uma construção antropológica e rompem o paradigma instrumental na busca de uma gestão inspirada nas ciências sociais. Com uma finalidade que não é apenas financeira, mas, primeiramente, humana e social. Na qual o trabalho não produz sentido exclusivamente por produção e resultados, mas, também apresenta sentido da atividade. Para Gaulejac (2007, 288), “a subjetividade e a vivência são variáveis tão importantes quanto à produção e a rentabilidade”.

Com a predominância da lógica financeira, as organizações adotaram um conceito de gestão que negligencia a multiplicidade de fatores envolvidos no fato social. Esta visão linear, precisa ser confrontada com a consideração e a compreensão da real complexidade existente nas organizações. No dizer expressivo de Gaulejac (2007, p. 289) “a gestão recuperará a credibilidade que perdeu se puder trazer mais sentido e menos insignificância, mais compreensão e menos prescrição, mais análise qualitativa e menos medida quantitativa”. O que se busca é então uma gestão mais humana, que compreenda que pessoas não podem ser consideradas custos ou ainda recursos.

Conforme assevera Gaulejac (2007, p. 289)

“o indivíduo humano é caracterizado por sua capacidade reflexiva e deliberativa: capacidade de pensar o mundo, de se pensar no mundo, de ter uma atividade racional e calculadora, mas também por sua capacidade de por em questão a si mesmo e seu meio ambiente”.

Em vista disso, pode-se compreender a pessoa como um indivíduo-reflexivo que se permite vislumbrar algo diferente do atual, contudo, sem que esta reflexão se oponha ao real, mas seja sim uma forma de expressão. E, neste tocante, corrobora Gaulejac (2007, p. 290) que “é imaginando outros possíveis que os homens podem transformar a sociedade na qual vivem”. Esta atividade deliberada é então, uma concreta oposição a atividade instrumentalizada.

Conquanto a gestão permita a compreensão da organização como um fato social, é possível conceber que cada um pode e deve colaborar neste meio para a produção do sentido da ação coletiva. Isto é imperioso para a emancipação e consolidação do indivíduo-sujeito, uma vez que “a racionalidade instrumental é uma negação do humano” Gaulejac (2007, p. 290).

Em suma, para Gaulejac (2007, p. 296) a única forma de re-significar a gestão é “libertar-se do ‘mundo objetivo das coisas de uso’, para encontrar o essencial, o confronto da subjetividade, a fim de definir um sentido comum, aceitável por todos”. Em outras palavras, refere-se a entender como cada pessoa produz o sentido de suas ações, propiciando para todos os atores envolvidos o desenvolver profissional e, sobretudo como cidadãos e sujeitos.

Acerca do tema em apreço, as ciências sociais têm um papel importante e pedagógico no auxílio para a compreensão do paradigma econômico vivido atualmente. Como ainda, po-

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

dem fornecer a base e o subsídio para uma nova compreensão e significação da gestão e das racionalidades que permeiam as organizações.

Num momento onde há uma crise rondando a economia e a sociedade atual, com um grave risco de recessão econômica européia e americana, as organizações e seu papel no mercado adotam uma singular importância.

A busca de uma racionalidade substantiva na gestão pretende evidenciar a discussão e a importância do social em bases equiparadas com o aspecto financeiro, como ainda procura esclarecer a sua influência na vida e ação das pessoas. Não visa, portanto, anular a busca do resultado financeiro. Embora, a sociedade de mercado pode e deve abrir espaço para uma economia solidária que tem em sua comunicação uma linguagem econômica não-violenta.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio teórico propôs-se a apresentar uma breve reflexão dos temas gestão, ciências sociais, *management* e racionalidade substantiva através de uma perspectiva crítica. Tal abordagem é necessária uma vez que a administração como campo de estudo das ciências sociais aplicadas deve fazer uma reflexão crítica acerca de seu papel enquanto provedora de saber e de formadora de profissionais que atuam sob o símbolo de administrador.

Se a prática administrativa surge num contexto da lógica fordista-taylorista e avança para um paradigma característico da sociedade conhecimento é de se esperar que ela reveja e atualize seus fundamentos, para atuar em consonância com uma nova realidade. Vive-se atualmente numa sociedade globalizada e que tem uma economia com demasiada ênfase no capital e no econômico em detrimento do trabalho.

Ora, não é possível que a gestão seja orientada apenas por aspectos físicos, recursos financeiros, estruturais e de capital. Caso ela tenha esta conduta, há sérios indícios que ela padece de uma séria doença social. Sendo que os sintomas afetam seu órgão principal: as pessoas que nela trabalham.

As técnicas contábeis e econômicas, as tecnologias no desempenho de tarefas, as estratégias organizacionais serão vazias sem a ação das pessoas. Sendo assim, para re-significar a gestão, a racionalidade substantiva permite o rompimento da visão de indivíduo-recurso, e propicia um entendimento da dimensão do indivíduo-sujeito.

Neste contexto, a contribuição das ciências sociais vem em auxílio para a compreensão dos aspectos psicológicos e sociológicos dos indivíduos, que conforme Ramos (1989) pautam a complexidade da análise e desenho dos sistemas sociais.

Assim o diálogo dos autores propostos neste ensaio traz a idéia de que as organizações são sistemas cognitivos, fatos sociais e, portanto, a ação das pessoas é necessária para uma construção dialógica da gestão. Contudo, esta não é uma realidade muito evidente, o que se denota é que as pessoas comportam-se conforme as expectativas organizacionais e econômicas. Há a necessidade de recuperar-se o sujeito crítico, que se distanciou da sua identidade por ser visto apenas como recurso e dessa forma, é instrumentalizado dentro da racionalidade dominante nas organizações.

É necessário então, o desenvolvimento das capacidades reflexivas de todos os atores que compõem a organização, para que se contemple a ação dos indivíduos e não apenas o comportamento administrativo, no qual a pessoa age sem questionamentos. Neste cenário, a antropologia adisciplinar contribui para uma reflexão das experiências humanas e suas conseqüentes multidimensionalidades.

Com efeito, com o retorno do afetivo, da importância da experiência vivida, do aspecto humano, da vivência e opinião das pessoas, há um benefício para a saúde física e mental



II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

dos envolvidos no trabalho que é obtido através da troca e discussão. Sendo assim, é possível editar normas que serão aceitas e compartilhadas. E pode-se então avançar para uma responsabilidade multidisciplinar da gestão.

Outro aspecto importante de ser compreendido é a dimensão que a organização tem na vida das pessoas, ela necessita ser delimitada, pois, ainda que o trabalho possa prover sentido à vida dos indivíduos, ele não é a única esfera da vida de uma pessoa. A gestão ainda necessita se reorientar para que contemple o humano e entenda como cada pessoa produz o sentido de suas ações, propiciando para todos os atores envolvidos o desenvolver profissional e, sobretudo como cidadãos e sujeitos.

Em virtude das considerações, pode-se compreender o papel relevante e pedagógico das ciências sociais à compreensão do paradigma econômico vivido atualmente e ainda compreender o que é necessário para uma nova mirada. Não obstante, é possível ainda perceber que estas fornecem base e subsídio para uma compreensão da gestão e das racionalidades que permeiam as organizações.

Salienta-se que a busca de uma racionalidade substantiva na gestão pretende evidenciar a discussão e a importância do social em bases equiparadas com o aspecto financeiro, a fim de trazer mais sentido, além disso, procura esclarecer a sua influência na gestão e, por conseguinte na vida e ação das pessoas. Não visa, anular a busca do resultado financeiro. Embora, a sociedade de mercado pode e deve abrir espaço para uma economia solidária que tem em sua comunicação uma linguagem econômica não-violenta.

Enfim, a gestão precisa ser mais humana, não deve instrumentalizar as pessoas, é indispensável uma construção de sentido dialógica, que deve expressar uma vida democrática, a qual contemple uma busca de justiça e liberdade, a gestão precisa ainda abrir espaço para o político, no qual não apenas o interesse individual seja contemplado, mas acima de tudo o coletivo, a preocupação com o outro.



II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

REFERÊNCIAS

AKTOUF, Omar. **A administração entre a tradição e a renovação**. São Paulo: Atlas, 1996.

CHANLAT, Jean-François. **Ciências sociais e management**: reconciliando o econômico e o social. São Paulo: Atlas, 2000.

GAULEJAC, Vincent. **Gestão como doença social**: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. Aparecida-SP: Letras & Ideias, 2007.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **A Nova Ciência das Organizações**: uma reconceituação da riqueza das nações. 2. ed. Rio de Janeiro(RJ): Fundação Getulio Vargas, 1989.